

Claques manipuladas

Uma das justificativas para a transferência de Brasília residia na necessidade de preservação dos três poderes da República da intensa pressão popular que se exercia sobre eles, no Rio. Dizia-se que a localização da Capital Federal, no interior do País, resolveria esse problema e daria aos dirigentes brasileiros a tranquilidade necessária para decisões amadurecidas na reflexão.

Hoje, com a restituição do País à democracia, verifica-se que a mobilização de massas continua a existir em Brasília e pode paralisar o mais aberto, o mais desarmado dos poderes, o Legislativo. É que a conformação física do recinto da Câmara onde se realizam reuniões conjuntas de senadores e deputados favorece o controle, a superioridade das galerias sobre o plenário. A liberalidade do ingresso no prédio do Parlamento permite que centenas, até milhares de pessoas, simplesmente impeçam o trânsito dos parlamentares em seu interior, até que eles sejam agredidos fisicamente, como já tem ocorrido.

A manipulação de classes contra a liberdade do Congresso não constitui novidade. Pode ser feita pela direita e pela esquerda, por malufistas e antimalufistas, por qualquer categoria profissional disposta a gritar refrões, palavras de ordem quando lá em baixo, nos plenários, senadores e deputados não obedecem a seu comando. Com isso, seguramente, desvirtua-se a manifestação da vontade dos parlamentares que não acreditam poder votar a futura Constituição, sob o controle de claques organizadas e notoriamente manipuladas.

Nos tempos de João Goulart, o então deputado Leonel Brizola mobilizou funcionários da Terracap para que subissem às galerias do Congresso e ali pressionassem seus integrantes no sentido de que votassem imediatamente as reformas de base. O então

1º secretário da Câmara, deputado José Bonifácio, mandou espalhar que a Terracap antecipara o pagamento dos salários de seus servidores, expediente que ditou sua imediata retirada do prédio do Parlamento, rumo aos guichês da autarquia.

Nos primórdios da abertura, era comum encontrar ali recrutados do Exército e da Aeronáutica, facilmente identificados pelo cabelo cortado à escovinha, tentando abafar gritos e slogans de oposicionistas, socialistas e comunistas, que apupavam o regime militar.

Quando da votação do primeiro projeto da anistia e da emenda Dante de Oliveira, das diretas já, o alvo da ira dos populares, alojados nas galerias eram os pedessistas, os "malufistas". Hoje, o quadro tende a mudar.

No atual governo, líderes do PMDB foram vaiados por vereadores que pleiteavam aumento de subsídios que poderiam arruinar as prefeituras, o deputado José Machado quase foi linchado pelos interessados por sustentar a mesma posição, enquanto o deputado Paulo Maluf era aplaudido por adotar uma decisão demagógica.

O Congresso marcha para a redução das galerias, seu controle para que não impeçam o funcionamento do plenário e para que seus trabalhos não sejam prejudicados por craques pagos ou manipuladas. Alguma coisa vai ser tentada, possibilitando que os delegados à Assembleia Nacional Constituinte tenham a tranquilidade necessária à elaboração de uma Carta Magna que reflita as aspirações de toda a sociedade e se revista, por isso mesmo, de legitimidade e de durabilidade. O que não será possível se ela for votada, numa caricatura de democracia direta, sob pressão circunstancial de categorias profissionais ou de populares a serviço de quem aluga seus gritos, suas palmas e suas vaías.